

## Capoeira na rua, no museu ou numa companhia de saberes<sup>1</sup>

Salve! Camaradas desses mundos diversos por onde ecoam vibrações dançantes, guerreiras, sonoras e harmoniosas. As repercussões de nossas percussões vêm provocando mudanças no contexto social. Mudanças das cadeiras institucionais com ações afirmativas em uma roda onde, até então, predominava um “jogo de compadre<sup>2</sup>” para inglês ver e branco se engrandecer.

A dança que potencializa mudanças nessa história por mim vivenciada é a capoeira. Saibam que vivencio a capoeira desde o ano de 1995, o tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares. Desde então, observo os contextos sociais, midiáticos, culturais da negritude brasileira em expansiva evidência. Seguindo as pistas de Muniz Sodré e pela convivência em redutos de boemia e carnaval, passei a notar que, “O samba já não era, portanto, mera expressão musical de um grupo social marginalizado, mas um instrumento efetivo de luta para a afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana” (Sodré, 1998, p.16). Irmã do samba, a capoeira me oferece lições de superação e encantamento em uma expressão cultural negra que também sofreu violenta perseguição e racismo em suas diversas formas.

Uma das forças que me atraiu para esse resgate foi a musicalidade do berimbau, um instrumento que, inclusive, cheguei a produzir artesanalmente. Fazendo arte como um todo, na magia da bateria da capoeira, recitando as ladainhas que registram através da oralidade, lindas histórias. Essa conexão ancestral através da capoeira conduziu-me a um olhar de enfrentamento ao racismo na busca pela superação a essa barreira que dilacera socialmente a população negra e acioná-la como um dispositivo de tralho e cura contra à invisibilidade, marginalização e, conseqüente miséria e adoecimento físico e emocional. Nessa vira de século, intensificou-se a luta dos movimentos sociais negros por reparações históricas devido aos crimes de lesa-humanidade devido à escravatura do povo negro. Segundo o antropólogo José Jorge de Carvalho, “A condição mesma de criação de nossas universidades foi colonizada. Nossa elite branca trouxe uma elite acadêmica europeia branca para fundar uma universidade estritamente nos moldes das universidades ocidentais modernas”. (CARVALHO, 2018,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024)  
Cássio Henrique Silva da Silva UFRGS  
Capoeira, Reconhecimento, Espaços de saberes

<sup>2</sup> Na roda de capoeira se trata de um jogo de cooperação onde ambos os jogadores facilitam a exibição e desenvoltura para bela performance, sem ameaçar a integridade moral e física do camarada.

p.95)

As cotas nas universidades brasileiras começaram a impulsionar a pressão e engajamento político do povo negro de forma crescente em todo o Brasil. Essas mobilizações me ofereceram a base e curiosidade para aprofundar os conhecimentos tecendo questionamentos acerca de representações afirmativas da população negra em espaços de poder e produção de conhecimento. Ao mesmo tempo, pensar formas de vivenciar junto a intelectuais orgânicos da capoeira, os lugares da tradição e de trocas de conhecimento dos saberes afro-brasileiros.

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca do protagonismo social motivado pela capoeira em diferentes espaços de sociabilidade e expressões de poder e conhecimento em Porto Alegre. Mestres e discípulos me conduziram a ricas experiências em meu trabalho antropológico. Amparando-me no Encontro de Saberes<sup>3</sup> com o antropólogo José Jorge de Carvalho

[...] Descolonizar, no nosso caso, seria um duplo movimento. Primeiro, desvincular-se do mandato introjetado de repetir o padrão epistêmico ocidental como única referência de conhecimento (científico, artístico, tecnológico). Ou seja, desobrigar-se de reproduzir o eurocentrismo compulsório. Para o Encontro de Saberes, descolonizar significaria desvincular-se. Nós nos desvinculamos da expectativa estabelecida, e com esse gesto nos desvencilhamos da camisa de força do eurocentrismo compulsório. (CARVALHO, 2018, p.101)

A presença do Mestre Churrasco na disciplina Encontro de Saberes elucidando estratégias ancestrais de fuga e sobrevivência quilombola com os movimentos de capoeira no matagal do Campus da UFRGS.

A pracinha no bairro de Viamão/RS que mobilizou a comunidade para um diálogo com a prefeitura pela realização das rodas debaixo de uma bela árvore e, a formação desse mesmo educador social, um capoeirista, em artesão através das suas conversas com um Preto Velho. Um discípulo narrando as performances de seu mestre no Fórum Social Mundial passando o chapéu. E, para abrilhantar ainda mais, alguns episódios do Afoxé e o legado de Mestre Môa do Katendê em Porto Alegre. Afinal, um

---

3 Para uma compreensão detalhada do Encontro de Saberes, ver Carvalho (2010; 2011; 2017), Carvalho e Flórez (2014a; 2014b), Carvalho, Flórez e Martínez (2017), Carvalho e Águas (2015) e Carvalho et al. (2016).

processo versátil de empoderamento que conecta a capoeira a diversas práticas sociais e experiências no cotidiano.

[...] Na praça, lugar de encontro e comunicação entre indivíduos diferentes, torna-se visível uma das dimensões do território, que é a flexibilidade de suas marcas (em oposição ao rígido sistema diferencial de posições característico do 'espaço' europeu), graças à qual se dá a territorialização, isto é, a particularização da possibilidade de localização de um corpo. (Sodré, ano, p.17)

Sendo natural de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, me orgulho pela participação em rodas, maculelês e afoxés com meu grupo e demais coletivos de capoeira reunidos pelas praças, ruas e eventos da cidade. Um evento marcante foi o Fórum social Mundial de 2001, cujo tema foi “Um outro mundo é possível”. Eu estava tomado por um sentimento de justiça social e conquistas gloriosas. Participando de mesas, rodas de conversas e manifestações pelas ruas onde avaliavam-se pautas efervescentes na roda da luta institucional, sendo “igualdade e equidade raciais” pautas marcantes em minha memória, que entrelaçavam-se germinando o poderoso escudo do antirracismo atual.

### **A Capoeira que fez o povo se unir e dançar o Afoxé, que é a fala que faz**

Nos encontramos agora com alguns dos modos como a capoeira é realizada por mestres de capoeira na atualidade e suas conexões com diferentes espaços e relações entre capoeiristas. Seria difícil pensar em mestres e discípulos de modo a fazer genealogias, fixá-los em espaços e cidades, mas podemos sim ver modos de expressar os valores da capoeira em seus atos e atividades coletivas e suas inúmeras conexões com pessoas e saberes. Mestre Môa do Katendê chegou a Porto Alegre pela primeira vez em 1982, trazendo a dança afro, a Capoeira Angola de seu Mestre Bobó e os ritmos e suas composições que contagiaram a nossa cidade. No ano de 1996, o Parque da Redenção foi palco de uma apresentação memorável, contando com mais de 50 pessoas integrando um bloco de afoxé sob a liderança de Mestre Môa. A tradição, o axé do afoxé que conecta a sabedoria ancestral à nossa existência, desperta uma consciência que transcende os valores caóticos de nossos tempos.

## **Conexão com saberes de Mestre Churrasco**

No dia 03/09/2018, eu soube que Mestre Churrasco estaria na disciplina “Encontro de Saberes”. Então levei uma verga de goiabeira que eu havia preparado, vislumbrando nosso inusitado encontro. A verga tinha ponta de forquilha, alguns cipós enrolados e uns “cocurutos” ao longo do seu comprimento. Ao chegar ao salão de eventos da UFRGS, a atividade já estava em andamento, havia aproximadamente 40 pessoas no evento, então localizei o Mestre Churrasco e rapidamente saudei-o, entregando-lhe a verga. Durante uma pausa no evento, tive a oportunidade de conversar com o mestre e ele revelou: “gosto de vergas assim, rústicas, pois hoje em dia o pessoal faz tudo lisinho e retinho”. Com a verga em mãos, ele fez alguns malabarismos e comentou que o berimbau servia também para a defesa pessoal: “Quando a capoeira era proibida, a gente só descobria que alguém era capoeira na hora da briga mesmo e pelo jeito de usar uma bengala, um guarda-chuva” disse Mestre Churrasco. A historiadora Débora Hörle D’Ávila (1998) apresenta registro que converge com o comentário de Mestre Churrasco:

O ano de 1837 foi significativo. Neste ano foi instaurado um processo que referia-se ao assassinato do pardo Leonel pelo crioulo João do Prado; este último, nascido no Rio de Janeiro e vindo para o Rio Grande do Sul como escravo de Theresa Camilla de Lima e Silva, executava a função de cozinheiro.

Pode-se ter uma ideia do acontecido observando as respostas do réu ao juiz quando perguntado por que motivo teria praticado o crime:

‘Respondeu que estava ele, réu, brincando com Leonel, com as mãos tocando um n’outro, quando Leonel, também brincando, que nele deu uma cabeçada nos queixos; estando ele, réu, com uma enxada na mão, levantou-a e com ela deu na cabeça de Leonel, procedendo n’este o ferimento.’

Para um melhor entendimento do caso, é de suma importância a informação contida tanto no inquérito policial quanto ao quesito número 1 (um) a ser respondido pelos jurados, que dizia:

‘O réu João do Prado, escravo de Dona Theresa Camilla de Lima e Silva, estando reunido com o pardo Leonel, na casa de negócio de Antero Francisco de Mello, situada à rua General Lima (anteriormente denominada de Olaria), em brinquedo de capoeiragem, lançando mão de uma enxada e com esta deu uma pancada sobre a cabeça do dito Leonel, fazendo-lhe o ferimento constante do auto do corpo de delito à folha 3.’

Através da afirmação “em brinquedo de ‘capoeiragem’ pode-se notar a presença da capoeira na cidade de Porto Alegre. Também o fato de referirem-se a ela como ‘brincadeira’ — outra denominação da capoeira, e a ‘cabeçada’, movimento típico da capoeira, mostra que a mesma, assim como aparece em Salvador, no Rio de Janeiro, em Recife, em São Paulo Paulo e outros estados do Brasil, também esteve presente no Rio Grande

do Sul ainda no século passado. (D'ÁVILA: 1998, p. 28)

Durante o mês de outubro/2018, em uma aula do Mestre Churrasco, na disciplina da UFRGS “Encontro de Saberes”, ele falou sobre a capoeira em meados da década de 1970. Ele era engraxate na Praça da Alfândega do centro de Porto Alegre e andava com sua caixa. Contou que a capoeira era praticamente cabeçada e rasteira, estrelinha, enfim, que não tinha uma capoeira com tantos movimentos e que o pessoal se encontrava mesmo era para brigar. Ele ficava na região da Igreja das Dores e jovens que se concentravam em diferentes regiões do Centro de Porto Alegre marcavam de resolver as suas diferenças na beira do Lago Guaíba, na Usina do Gasômetro, através da capoeira. Então ele diz que “era muita capoeira, muita cabeçada e isso era a capoeira”. Então, nesse período, ele conheceu um caminhoneiro chamado “Cau”, que começou a ensinar alguns movimentos de Capoeira Angola para ele e ele foi se tornando um dos precursores da Capoeira Angola em Porto Alegre.

Em uma aula da disciplina de graduação Encontro de Saberes, oferecida na UFRGS e que fora ministrada no matagal do Campus do Vale, Mestre Churrasco ensinou movimentos de capoeira, dando ênfase à atenção ao cenário bem diferente das ruas da cidade ou academias. Ele disse: “Tem que ter cuidado e atenção aí perto das pedras, porque as cobras gostam de se esconder embaixo das pedras. No mais, elas sempre se afastam da gente se a gente está meio distante e não oferecendo perigo a elas”.

Sobre o ensino de capoeira no matagal, ele relatou que um dia subiu em uma pedra no mato do Morro Santana e se sentiu bem. Percebeu que poderia fazer alguns movimentos de capoeira naquela pedra e então passou a fazer treinos no mato e sentir a capoeira ao desempenhar a “mobilidade no matagal”, lembrando que nos “quilombos, durante as fugas das senzalas, os negros revoltados corriam descalços pelos espinhos, lutavam e desarmavam capitães do mato sem ferramenta alguma”, diz ele. Por isso, ele contara que não usava facão para abrir clareira e que a entrada era sempre pelos movimentos da Capoeira Angola ou chegando em cima de uma árvore, gingando por cima de uma pedra e, dessa forma, ia desenvolvendo seu curso, ressaltando a energia do mato, dos cipós. Também falou no *cipó mil homens*, que “é um cipó que fortalece a gente”.

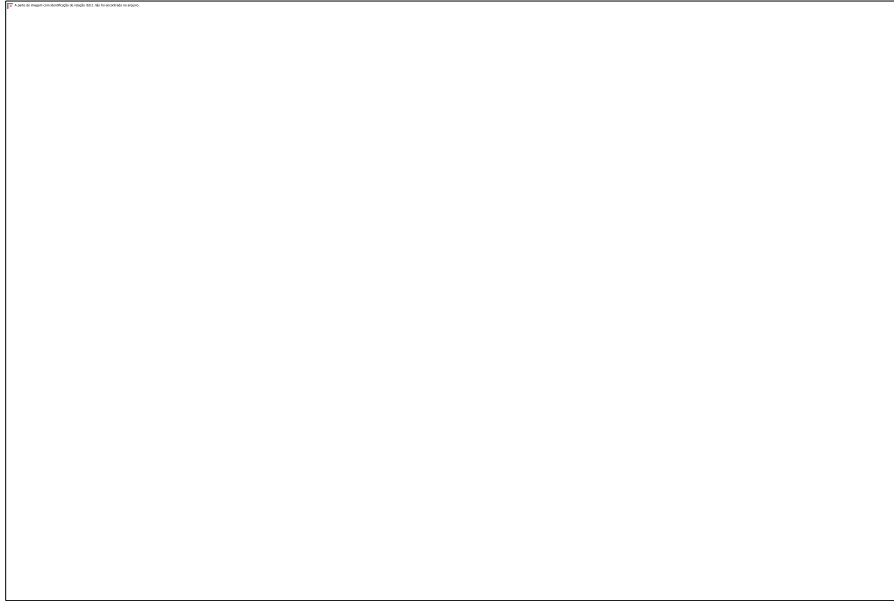
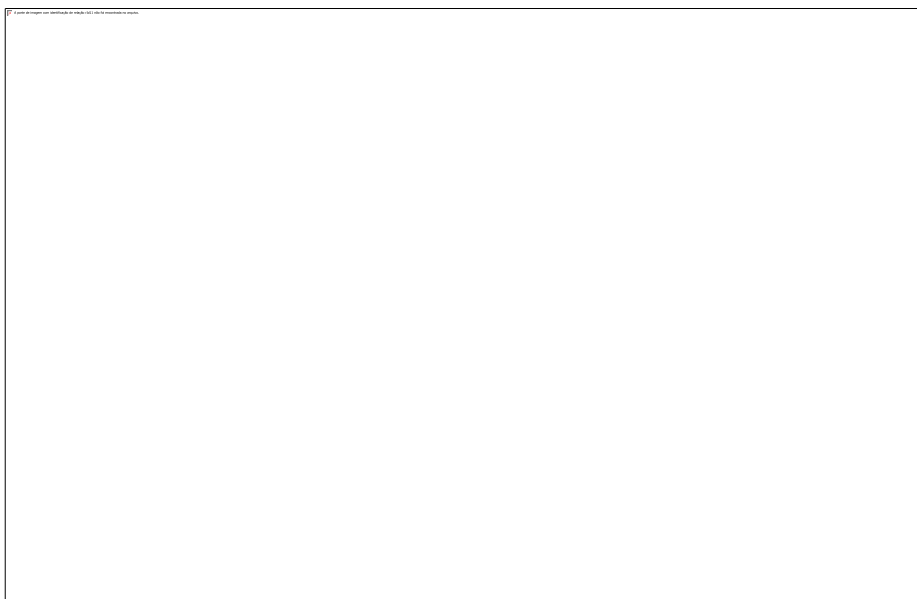


Figura 1: Aula no matagal durante o **Encontro de Saberes 2018**. Local: UFRGS/Campus do Vale. **(Foto: Cássio Henrique Silva da Silva)**



**Figura 2: O pesquisador Júlio Souto e Mestre Churrasco ministrando aula no Encontro de Saberes 2018**. Local: UFRGS/Planetário. (Foto: Cássio Henrique Silva da Silva)

### **Cássio Tambor: “Daqui uns anos estaremos formando artistas”**

Cássio Tambor é um homem de 41 anos e nos aproximamos durante os encontros do Cine Reflexão (2016) e, em dezembro de 2018, conseguimos realizar um encontro para que eu me aprofundasse acerca de sua história. Fazia

um calor infernal, mesmo assim, fui ao encontro do interlocutor, que mora nas proximidades da UFRGS/Campus do Vale. Fomos nos encontrar no ponto da estrada que faz exatamente divisa entre Porto Alegre e o município de Viamão. Ele logo passou a discorrer: “Hoje eu moro em Viamão, no Beco Velho. Moro aqui desde os 21 anos”, e detalhou:

Me criei no Campo da Tuca. Quando me mudei aqui para Viamão, comecei o trabalho ali na Igrejinha e depois daqui, onde era um campinho, nós fizemos uma ‘batalha’, naquele modo político, para esse campinho virar uma praça. Antes de virar essa praça/campinho, onde as primeiras rodas aconteceram, foi debaixo desse Ingá, que a vizinha da frente enchia de arame farpado e óleo para as pessoas não virem pra cá e para matar a árvore. Eu vim aqui e tirei todo o arame farpado, o óleo queimado e ‘botei uma banca’ de que não era mais para isso acontecer e aí começou as atividades de capoeira aqui e mais as atividades de futebol que aqui é bastante forte. Se juntou algumas pessoas formadoras de opiniões e chamamos um político influente na época e pedimos que aquele campinho virasse uma praça e essa praça hoje tem 8 anos. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

A importância do senso de comunidade e a reivindicação junto a representantes políticos são demonstradas também por Sodré (2017):

A política pode ser parceira nesse jogo. Não a política que se define como fenômeno de Estado (política partidária, política estatal, etc.) e sim a prática de organização da reciprocidade dos seres diferentes em comunidade, ou seja, política como prática de estar junto, ao lado da luta pela inclusão, no mundo comum, de excluídos históricos. Um agir político grupal lastreia o pacto simbólico implícito nas formas de organização comunitária dos descendentes de africanos. É uma política que não costuma aparecer nas lentes etnológicas e se faz visível na mobilização dos recursos para a consolidação das alianças internas ao grupo e nas táticas de aproximação com a sociedade global hegemônica. (SODRÉ: 2017, p. 172)

Ao chegarmos à praça, sentamos à sombra de uma árvore frondosa, e Cássio Tambor contou que as rodas eram embaixo do Ingá, e quando o engenheiro fora fazer o projeto da praça, o prefeito ordenou: “ô, meu, faz a roda aqui, porque os caras estão em atividade”. E, sorrindo, continuou o relato: “E fizeram a roda aqui, botaram luz. Então são 17 anos, ao todo, de trabalho gratuito e voluntário, todos os sábados, falando sobre capoeira”.

### **A experiência com Mestre Churrasco vista por Cássio Tambor**



Cássio Tambor relata que, ao conhecer Mestre Churrasco, percebeu que “os melhores capoeiristas são os meninos de rua”, conforme disse ele. “Porque, na real, se via isso no axé da roda. Vi pular ali, na Vila Jardim tinha os maloqueiros, os pivetes. Na Vila Jardim e na Bom Jesus os guris voavam com macaquinho, flic, mortal, sabe?! Eram os caras que faziam as maiores piruetas” diz ele.

Contagiado pela *performance* dos capoeiristas, ele me contou que, por volta dos 14 anos de idade, começou a “querer capoeira” e pediu permissão para a mãe.

Quero que tu me leve para uma coisa de capoeira. E aí estávamos lá pelo centro um dia e passamos pelo Mercado Público e escutamos aquele som de berimbau e de tambor e eu já grudei na minha mãe e falei: É aqui, e ela entrou comigo e subimos para o segundo piso e entramos numa sala e estava aquele monte de pessoas de baixa renda, que a gente chama carinhosamente de maloqueiro, tava cheio naquela sala. Um monte de pivete de rua e aquele negão baixinho, magro, mas com a musculatura definida dando aula ali. Bah, e eu já: ‘Ô mãe, é aqui que eu quero ficar’. E a mãe: ‘Não, mas bem capaz!’ (Entrevista gravada em 08/09/2018 com Cássio Tambor)

E prossegue:

Aí, quando eu vi o Churrasco, me apaixonei, aquela coisa toda. Assisti umas duas aulas e a minha mãe não deixou mais, porque tinha que me levar, eu era de menor, pagava passagem e nem sempre tinha, né?! O mercado era uma sujeira e aquilo me assustava. Tu estava ali e daqui um pouco passava um rato por ti, pombas, era assustador. Mas a galera ali toda era a galera de rua do centro que o mestre fazia um trabalho dentro do Mercado Público. Por isso, minha mãe não deixou eu ficar naquela capoeira ali. Aí, quando eu ia na minha vó, ali na Vila Jardim, eu tinha contato com a capoeira do Churrasco meio de longe, porque eu era branquinho, então todo mundo me tirava pra trouxa e eu sempre quietinho, na minha. (Entrevista gravada em 08/09/2018 com Cássio Tambor)

A reação e atitude de reprovação por parte da mãe de Cássio Tambor relativa ao seu envolvimento com a capoeira, quando acessou o ambiente em que o filho treinaria e os prováveis colegas de capoeira do mesmo, me projetou o olhar para o passado e a perceber que, tanto na realidade social, quanto no imaginário da maioria da população, a capoeira continua sendo uma prática marginalizada. D’Ávila (1998) apresenta registros da primeira metade do século XIX que estão em conformidade com esse preconceito que se cristalizou no senso comum de muitas pessoas “de bem” em Porto Alegre:

Os rapazes que constituíam os grupos não eram apenas a garotada das ruas. Entre eles havia os de ‘boa família’ que participaram como chefes ou soldados desses grupos amiaceiros que envolviam-se, muitas vezes, em conflitos de sérias proporções. Os enfrentamentos eram sempre aos

domingos — lutas domingueiras, e além do uso de pedra, a capoeira era a principal arma empregada no confronto.

Segundo Achylles Porto Alegre a capoeira fazia parte do cotidiano da cidade: ‘Além disso, naquele tempo, a cidade estava infestada pela praga terrível dos ‘capoeiras’, e ainda ‘Desse modo os nossos rapazes iam se familiarizando com a capoeira (...) a capoeira era assasmente praticada’. (D’ÁVILA:1998, p. 29)

Então, ao completar 16 anos, Cássio Tambor conta que sua mãe consentiu que ele iniciasse sua prática de capoeira, mas em academias. A meu ver, eis um exemplo da influência do multiculturalismo que se apropria da capoeira como produto e deixa de ver vários aspectos que motivam os capoeiristas no seu presente e no seu contexto de redes de relações que, em alguns aspectos, foram confinadas à subjetividade, ao local privado de socialização e a algumas distinções contrastantes que eram reproduzidas entre as pessoas nos espaços públicos.

Encontrei, na Rua 7 de setembro, o Gato Preto. Ele tinha uns *dreads* e treinei uns 4 meses com ele. Aí eu conheci as rodas do Gato Preto na rua e quando chegava aquele ‘enxame’ de gurizada de rua na roda da Rua da Praia, *bah*, aí que dava o axé na roda! Os guris pulavam e faziam várias acrobacias dentro da roda e jogavam muito mais que os guris que treinavam dentro da academia. Eu via que os guris usavam a capoeira como se fosse a alma deles, o alimento deles, aí eu sempre tive isso como um exemplo e escolhi, já que sou pobre, de família humilde, vou usar isso também. Essa coisa de cativar, de poder fazer essas coisas mirabolantes, já que me cativou, se eu fizer, vou cativar outras pessoas. E aí se confirmou que era o Churrasco que dava aula para aquela galera ali de rua. Aí descobri que no Gasômetro todas as sextas-feiras rolava um trabalho com esse pessoal de rua com o Churrasco e o irmão dele, o Bartelemei (irmão do Mestre Churrasco). A melhor capoeira que eu vi até hoje em Porto Alegre foi na época que esses caras davam aula ali. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

Cássio Tambor revela com extrema felicidade ser um dos poucos caras que conhecem e sabem onde é o santuário em que o, conforme ele se refere, “Véio” (Churrasco) se esconde no Morro Santana e na Vila Jardim. O do Morro Santana, segundo ele, não está muito ativo porque um pessoal foi invadindo e tomando conta. O da Vila Jardim existe e está ativo e pouquíssima gente conhece! Cássio tambor relata:

Uma vez no Morro Santana, o ‘Véio’, bah! O seguinte: Ele é feiticeiro, ele é lunático, ele é um guru que tu tem que estar prestando a atenção nele a todo o momento, porque em um segundo ele vai te largar o mel, o feitiço, a mandinga, a semente certa, a verga certa. Tu tem que estar ali

com ele do lado que ele não te diz nada. Tu só aprende se estiver ligado ao lado dele. O que mais me marcou na verdade foi quando ele me levou para conhecer o santuário da Vila Jardim. Ele já morava em Caxias do Sul há um bom tempo e aí eu era um dos poucos que ainda estava grudado nele, eu estava dando um suporte pra ele no Brique da Redenção e aí me tiraram do Brique e ele vinha e a gente se encontrava num sábado, domingo ou segunda-feira. Em um dia desses eu fui atrás dele na Vila Jardim para ficarmos conversando e para mim aprender na verdade, né?! Aí ele me pega e me arrasta. Aí entramos no mato, trilha aqui, trilha ali, trilha pra lá e, quando vê, paramos em um lugar mirabolante com enormes pedras, e o ‘Véiol me mostrou velas, berimbaus, brinquedos, material, cipó, caxixi, cabaça, tudo guardado nesse lugar. Ele chega ali hoje de mãos vazias e ele tem material para montar um berimbau. Aí ele chegou: ‘Ô, Cássio, descasca essa verga aí e aí, ele já vai preparando o arame e *pum!*’ E já acende uma fogueirinha e já larga um incenso, um palo santo e, aí, meu, tu já sai dali com dois ou três berimbaus e ele já passa numa loja e já vende e aí tu já tem dinheiro e já te convida para parar num lugar e aí tu já toma um suco, já come um xis... E ele disse: ‘No santuário eu não levo qualquer um. Tu vai ter que guardar segredo e manter respeito’. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

Perguntei: Quando tu começaste a fazer tambor?

“Eu sempre fui umbandista. Minha mãe me levava já desde a barriga na terreira. A primeira terreira que eu frequentei era a Cabocla Jurema”. Nesse momento, um carro carro freia bruscamente e o motorista fala em voz alta: “Ô, meu, tu tem broca 8mm de madeira?”. Cássio Tambor responde: “Ô, meu, entra lá. Toma aqui a chave e pega na gavetinha da estante branca à esquerda. Esse é meu irmão, nos criamos juntos”, me disse, ele apontando para o motorista do carro.

E retoma a narrativa:

Então, eu sempre fui umbandista, desde pequeno já escutava aquele barulho do tambor. Isso ali na Vila São José, do lado da Tuca, a primeira Terreira. A segunda Terreira vim conhecer aos 14 anos, em Viamão, na Parada 51 de Viamão, na Querência. Ali tinha o processo de todo o ano tu vai na praia. Faz uma homenagem para lemanjá, todo o ano tu faz uma homenagem a Oxum, e todo o ano tu vai na mata também. Nesse ir na mata, nós ia aqui no Parque Saint’Hilaire onde existe o Recanto dos Orixás desde os anos 60/70. Porque muitas terreiras saíram de Porto Alegre quando Porto Alegre se desenvolveu nessa época e vieram para Viamão.

(Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

Quanto à retirada das terreiras da capital para cidades vizinhas da região metropolitana, me sinto instigado a estabelecer a relação entre o racismo no viés religioso e também habitacional. De acordo com D’Ávila (1998):

As localidades habitadas por negros eram consideradas muito perigosas

e deveriam sofrer uma reorganização habitacional e uma reformulação moral. Uma delas era o Areal da Baronesa, famoso por ser um local de emboscadas. Era habitado, em sua maioria, por negros que a alforria ‘jogou no meio da rua’. (D’ÁVILA:1998, p. 27)

Foi possível perceber o orgulho que Cássio Tambor revelava ao afirmar sua religiosidade e o local onde mora e pratica os cultos. “Viamão já teve o maior número de terreiras, dizem que hoje é Alvorada”, diz ele.

E prossegue:

“Aí um Preto Velho me pediu que eu fizesse um banquinho de um tronco que havia ali pertinho da gente. No outro ano ele pediu que eu fizesse uma bengala de um galho que havia perto e eu fui fazendo. Aí nessas aí, meu velho, um dia ele me pediu um tambor”. Nesse momento, Cássio Tambor imita o Preto Velho: “Pega um tronco desses aí e faz um tambor pra nós, meu filho”.

E complementa: “E eu fiz um tambor pequenininho. Eu tinha 16 anos e em um ano fiz 3 tambores para a terreira. Em pouco tempo já havia construído mais de 10 tambores e começou a rolar atritos com os vizinhos evangélicos”.

Muniz Sodré, em “Capoeira e Identidade”, aborda a importância simbólica como essa interação entre a entidade Preto Velho e Cássio Tambor. Isso influenciou e resultou, com certeza, na escolha de Cássio Tambor em seguir sua trajetória enquanto artesão:

Fatos dessa natureza são importantes para a compreensão do ethos cultural afro-brasileiro, porque demonstram que os orixás, os voduns ou os inquices não são entidades apenas religiosas, mas principalmente suportes simbólicos — isto é, condutores de trocas sociais, assim como de ‘textos’ éticos — para a continuidade de um grupo determinado. Zelar por um símbolo, ou seja, cultuá-lo nos termos da tradição, implica aderir a um sistema de pensamento, uma ‘filosofia’, capaz de responder às questões essenciais sobre o sentido da existência do grupo. (SODRÉ: 1996)

Sobre o conflito com os vizinhos, Cássio Tambor lamenta: “Diziam que meu trabalho era maligno e macabro”.

No intuito de realizar seu trabalho de artesão com tranquilidade, decidiu mudar seu local de produção:

Então, encontrei abrigo para produzir meu trabalho no Barracão dos Tapuias. Uma Tribo de Carnaval de Porto Alegre que conheço desde pequeno porque meu pai era ‘jogador de osso’ e frequentava o barracão onde acontecia muitos jogos. Passavam muitos malandros por ali. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

O antropólogo Marcelo Silva (2017) faz menção às Tribos Carnavalescas de Porto Alegre:

[...] As Tribos já estiveram em número muito maior, porém foram sendo paulatinamente excluídas do carnaval onde passou-se a apoiar com verbas para os desfiles somente as escolas de samba, ao mesmo tempo em que as administrações das entidades (das Tribos) começaram a adquirir dívidas em função da falta de apoio para a construção dos desfiles, o que acabou causando seu quase extermínio. (SILVA: 2017, p. 77)

A Tribo Carnavalesca dos Tapuias, segundo o nosso interlocutor artista, foi o espaço que lhe permitiu desenvolver sua arte e sua capoeira:

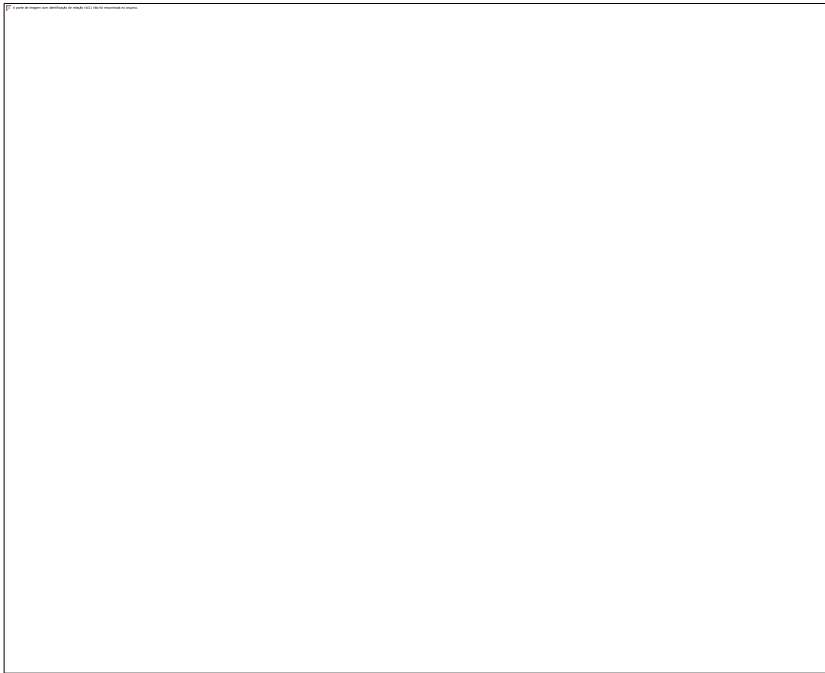
Aí, pensei em visitar os Tapuias e pedi um espaço para fazer meus tambores, então o presidente na época me concedeu uma peça. Então eu conheci alguns artistas e intelectuais negros. Ajudei na construção de carros alegóricos até na Escola Imperadores do Samba. Através deles, conheci a Frente Negra de Artes Plásticas. Os caras me apadrinharam e eu comecei a expor com eles. Na época do FSM eu saía da exposição e ia para o centro fazer o Samba de Roda com o Mestre Churrasco e eu já tinha aquela desenvoltura que a capoeira dá. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

Muniz Sodré, em “Pensar Nagô” (2017), nos proporciona o encontro com a intensidade demonstrada pelo depoimento do jovem artesão e seu encontro com um ambiente que compartilha e legitima seu modo próprio de viver.

Cássio Tambor descreve:

O mestre passava o chapéu, eu nunca tinha visto um capoeira fazer *show* assim com a capoeira e arrecadar dinheiro. O mestre faz até hoje. Ele para no Centro e pega um pandeiro e *pá pá pá*, faz dois pulo e já passa o chapéu e ganha dinheiro! (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

[...] O ordenamento social hegemônico atribui ‘intensidades de existência’ aos indivíduos, mas as distribui de maneira diferente, o que leva um grupo determinado à intensificação de seu modo próprio de viver, de sua singularidade. Ao mesmo tempo, essa situação pode representar-se metonimicamente como contração de um conjunto maior (espaço originário, p.ex.). Daí a localização, que é ‘a necessidade de construir lugares simbolicamente significativos onde seja visível a capacidade das pessoas de prescrever o seu próprio destino’. (SODRÉ:2017,p.100)



**Figura 3: Entrada do Capoeira Park. (Foto: Cássio Henrique Silva da Silva)**

comunidade. No trabalho de capoeira passaram cerca de 400 crianças na minha mão e eu já era bem conhecido por todos os adultos e formadores de opinião dentro da comunidade. E eu pensei pra mim, *bah, o* único cara que tem essa chance sou eu, qualquer outro que entrar ali eles vão matar, entendeu?! Porque uma facção vai pensar que é da outra. Em 2017, meu velho, aí eu entrei pra dentro do terreno e comecei a limpar. Quando eu comecei a limpar já vieram me apertar pra saber quem eu era, como eu cheguei e o que eu queria ali. Perguntaram: Ô, meu, o que tá fazendo aí? Eu falei: Ô, meu, aqui agora nós vamos limpar, vai ser uma associação, um trabalho no ensino da capoeira e que, *bah*, agora existe uma associação de moradores e isso aqui vai virar um espaço cultural. Sempre com esse diálogo, com essa política. E os caras, tá. Todos armados, 3 caras. Vieram aqui três vezes, tanto de uma facção quanto da outra, sempre armados. Sempre encerravam o diálogo com o: ‘Tudo bem, por enquanto, tudo bem’. Uma facção uma vez me pressionou dizendo que eu era da facção rival e estava botando uma *boca* aqui. E eu retornava a dar a mesma explicação. Eu continuava limpando a área e dizendo que seria um espaço cultural na comunidade, que o terreno seria fechado e não seria mais passagem. Na verdade, o traficante dentro da comunidade, ele não quer ser ruim. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

Então, Cássio Tambor conclui:

Aí eu limpei, montei o *youth* e fiz uma cerimônia: rezei afirmando que estava limpando o terreno para um espaço cultural, para a capoeira e comecei a trazer o pessoal da pracinha para cá. Isso foi crescendo, o pessoal foi divulgando o Capoeira Park aqui no Beco Velho, parada 39,

em Viamão, e os traficantes foram me largando de mão. A comunidade e até os traficantes estão admirando esse trabalho. A comunidade quer abraçar porque isso é uma coisa boa para dentro da comunidade. Daqui uns anos ao invés de estarmos formando bandidos, estaremos formando artistas. (Entrevista gravada em 08/12/2018 com Cássio Tambor)

### **O Rabo de Arraia e Mestre Môa do Katendê**

Na manhã do dia 08/10/2018, eu estava em Garopaba/SC. Fui acordado por uma mensagem do Mestre Ratinho que anunciava o falecimento de Mestre Môa. Devido a uma discussão em um bar que ele frequentava assiduamente, em seu bairro, em Salvador/BA, Mestre Môa foi apunhalado pelas costas. O que motivou o assassinato foi uma discussão acerca do resultado do pleito eleitoral de 2018 para presidência da República. Mestre Môa defendia a aliança partidária que estava do lado do povo, do bolsa-família, das cotas nas universidades, e demonstrava contrariedade pelo resultado onde a aliança política vitoriosa consolidou uma onda reacionária e fascista que, obviamente, obteve ampla concordância da sociedade brasileira. Fiquei nervoso, transtornado, muito triste. Um turbilhão de mensagens via grupos e amigos de *whatsapp* chegava simultaneamente, confirmando esse triste fato.

No dia 10/10/2018 retornei para Porto Alegre e fui direto ao CEVI encontrar Mestre Ratinho e demais colegas do Rabo de Arraia. Mestre Môa do Katendê era o nosso mestre, o mestre do nosso mestre. Aprendemos o afoxé e muito da musicalidade da capoeira com ele. Um clima de profunda tristeza pairava no ar. Sentados em círculo na sala de treinos do CEVI, Mestre Ratinho rompe o silêncio em tom de desabafo: “[...] vivemos em um país construído pela mentira. O Hino Nacional é uma mentira. A Abolição da Escravatura é uma mentira. O Hino do Rio Grande do Sul é uma mentira. A Constituição é uma mentira [...]” (Mestre Ratinho)

Em conversa com o Contramestre Jean Sarará, ele expõe muito do que Mestre Môa despertava na comunidade angoleira de Porto Alegre:

O Mestre Môa há anos se reunia pelo menos uma vez por ano, fazendo um grande cortejo que a galera se concentrava ali nos arcos da Redenção, depois começou a se concentrar ali no Chafariz e o Mestre também participou das rodas. O Mestre Môa nos falava sobre política, sobre religião, e falava de uma forma super compreensiva, nunca ofensiva. Falava com firmeza e ao mesmo tempo de uma forma doce e nos ensinava que nós tínhamos que lutar e a gente percebia que o mestre nos influenciava a lutar de uma forma sutil muito estratégica mesmo consciente daquilo que ele queria atingir. Aí o afoxé na rua, ele é a resistência de tudo isso. A gente sabe que a religião, ela já foi perseguida por muitos anos. E no

momento que a gente sai com os atabaques, que são um símbolo forte da religião, com batatas, cantando e fazendo referências aos orixás, é um manifesto com muita força. ***O afoxé ele tem que tá na rua e principalmente aqui em Porto Alegre com o Mestre Ratinho na frente, hoje a gente percebe que a turma do Rabo de Arraia, acho isso muito bonito porque esse legado era do cotidiano do Rabo de Arraia. Eu fui muitas vezes em cursos do Mestre Môa que só estava o pessoal do Rabo de Arraia.*** Então o Rabo de Arraia eu percebi que estava valorizando um conhecedor de várias coisas: Percussionista, compositor, dançarino, um dos fundadores do afoxé, capoeirista de longa data. Então, tu perceber que com tudo isso que eu listei ele era uma pessoa muito simples, aí tu percebe que tu tá no caminho certo, tu percebe que a Capoeira Angola é a arte dos mestres mesmo e começa a reconhecer um mestre” (Entrevista gravada em 30/11/2018 com o Contramestre Jean)

Em 2016, quando estive em Porto Alegre e ministrou a edição de novembro do Cine Reflexão. Nessa ocasião, curtimos um prazeroso final de tarde no pátio do Museu fazendo um afoxé sob o comando do mestre! Havia certa aflição devido ao incômodo e possível reclamação da vizinhança. Eis a divulgação do evento realizada pela equipe de jornalismo da Prefeitura de Porto Alegre na época.

Durante a apresentação no museu, Mestre Môa ainda fez um comentário que me marcou bastante: “Quando fazemos o Afoxé, a África está aqui presente”. Através da convivência e acolhimento de Mestre Môa e Mestre Ratinho, o Grupo de Capoeira Angola Rabo de Arraia, junto aos grupos Raízes do Sul, Zimba e Mocambo, vem representando o emblemático bloco Amigos de Katendê em Porto Alegre.

**Figura 4: Afoxé Amigos de Katendê, Porto Alegre, no Parque da Redenção, em novembro de 2017. Mestre Môa tocando agogô ao centro. (Foto: Cássio Henrique Silva da Silva)**

Os instrumentos que compõem o ritmo do Afoxé são: atabaques, agogôs, xequerês e, esporadicamente, o violão. Um grupo de dança é formado sob a coordenação de Mestre Ratinho conduzindo os passos do Afoxé, onde não há restrições para quem desejar se unir ao grupo de dançarinos (as).





Figura 6: Mestre Ratinho dançando Afoxé na Redenção junto ao bloco de Porto Alegre. (Foto: Cássio Henrique Silva da Silva)

Normalmente, é realizada uma apresentação oral do Mestre Ratinho acerca da importância desse ritual de tradição de matriz africana para o fortalecimento étnico e a resistência popular e pela valorização da ancestralidade negra no Brasil.

Acerca da importância e representatividade herdada pelo Grupo Rabo de Arraia através do reconhecimento e apadrinhamento de Mestre Môa do Katendê, e sua participação no museu, Mestre Ratinho relatou:

Os orixás! Houve a necessidade de fazer um Afoxé cultural onde o Mestre Môa foi o mestre nisso para que a comunidade de um modo geral, independente de ser afro, independente de ser de terreira, pudesse entender essa manifestação cultural em uma linguagem não tão tradicional, mas numa linguagem pela qual tu pudesses falar da importância da história, da importância da liberdade, onde o ritmo, o canto e principalmente a dança rompem valores cristalizados numa sociedade dominante que quis padronizar o carnaval de uma maneira organizada, aos seus olhos, chamando isso de um carnaval mais civilizado e não tão selvagem e tal, assim como os mais velhos falam. Então, dentro dessa perspectiva, o Candomblé, ele está presente sim na manifestação do Afoxé enquanto cultural, de uma maneira muito sutil, de uma maneira mais lúdica, mais de radiação, na linguagem popular.

Acho que o lúdico e a vadiação ocupam espaço no tempo livre que não o tempo de trabalho, não é o tempo de estar com a família, mas é o tempo livre onde, através da vadiação, tu tens um sentimento de liberdade. Então essa é a grande lição de sair à rua cantando Afoxé por duas, três horas, levando multidões no sentir essa manifestação de liberdade aí, como fala Gilberto Gil, ela vira uma meditação de rua, mesmo que as pessoas não percebam a importância de esse corpo cantar, dançar, mas ali eles se sentem em uma energia enorme e, o que brota ali, é a resistência, ali brota o questionamento (Por que não há mais espaços livres para desenvolver a arte e a cultura dentro da sociedade?) ***O Mestre Môa foi o cara que nos ensinou isso, não falando, mas fazendo. Feb a gente sentir a liberdade no fazer. Depots, sim, dialogando, se entender mais ainda o que está se fazendo. Mas o sentir toca lá na alma. Às vezes tu explicas, explicas por palavras e tal e não chega na alma Mas no fazer, no acontecer, 'o Afoxé é a fala que far acontecer o axé na rail é bem isso. É tu sentires aquele momento de vibração, te libertares.*** Aí depois, bah, me senti tri bem! Quando é que vai ter outro? As pessoas perguntam. Eu quero participar mais, a gente vê as pessoas pedindo mais, então, é isso aí, ate um ensaio nosso brota um sentimento disso, tu saís satisfeito do ensaio, tu saís alegre, tu voltas bem pra casa. Não é aquela coisa maçante nem nada, não foi eustoso. ***O Afoxé, não só o Afoxé, a Cultura Popular, o Samba também fazem isso. Porque eles estão ligados a um movimento de resistência, a um movimento de se impor a uma sociedade dominante. Então, a gente entende que o nosso fazer e ensinar em cima da arte é uma proposta de reencontro com a liberdade,*** enquanto as outras manifestações da sociedade querem cortar esses caminhos. Então nós temos que reforçar esses caminhos. Tu vê um vídeo desses e toda a luta de cada comunidade na Bahia para botar um bloco. Aí é que tá a importância da música do Mestre Môa, ele retrata as passagens do Afoxé dentro da sociedade. Ele traz a linguagem dos Orixás, mas também ele traz uma linguagem de cultura de resistência e ele também fala de amor. Então vem também com a força do amor o Afoxé, e vem também com a questão da brincadeira, de brincar com as palavras, fazer percussão com as palavras, uma percussão com voz, é fundamental a gente entender e tentar continuar com isso, botar para a frente mais propostas positivas para essa cultura se perpetuar. (Mestre Ratinho, em diário de campo, 08/04/2019)

Mestre Môa e Marielle Franco foram homenageados no dia 20 de novembro durante a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra, em 2018. Houve uma concentração em frente ao Mercado Público de Porto Alegre para a Marcha Zumbi dos Palmares que ocorre anualmente há mais de 15 anos.

---

## **Considerações Finais**

O poder de mobilização e conexão com a ancestralidade africana é rico e amplo para abordagens no campo do ensino, produção de conhecimento, empoderamento social e fortalecimento emocional e econômico. A musicalidade, o artesanato, a espiritualidade, enfim, uma companhia de saberes está presente na capoeira e em toda forma de expressão desenvolvida nesses respeitáveis locais de sociabilidade e fortalecimento político e cultural. Muito obrigado aos mestres(as), ativistas e camaradas que enaltecem, através da capoeira, o poder do povo negro no Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**D'ÁVILA, Débora Hörle. Capoeira: História e Identidade (1888 1937). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.**

**CARVALHO, JJ. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico / organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson MaldonadoTorres, Ramón Grosfoguel. – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades)**

**HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.**

SILVA, C. H. S. A capoeira joga com a dureza da vida : o resgate da Capoeira angola conectando etnicidade, estratégias de resistência negra e protagonismo cultural em Porto Alegre Dissertação de Mestrado. IFCH – PPGAS/UFRGS 2019

SILVA, C. H. S. Acapoeira joga com a dureza da vida: o resgate da Capoeira Angola conectando etnicidade, estratégias de resistência negra e protagonismo cultural em Porto Alegre. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2022. (Saberes Tradicionais, 4).

SILVA, Marcelo da. “O Poder da criação”: Outras histórias sobre os festivais de samba-enredo nas encruzilhadas do sul do Brasil. 2017. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

**SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.**

**SODRÉ, Muniz, 1942- Samba o dono do corpo - 2.ed - Rio de Janeiro: ed. Mauad, 1998**

**SODRÉ, Muniz. Capoeira e Identidade. In: SOUZA E ISLA, J. E. F. (org.). Esporte com identidade cultural: coletânea. Brasília: INDESP, 1996.**